

V CBEO - Curitiba



V CONGRESSO BRASILEIRO DE ESTUDOS ORGANIZACIONAIS
Curitiba-PR - Brasil

PROCESSOS ORGANIZATIVOS DAS LIDERANÇAS INDÍGENAS GUARANI NO OESTE DO
PARANÁ

Rozeli Aparecida Menon (UNICENTRO) - rozemenon03@yahoo.com.br

Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Administração da Universidade Estadual do Centro-Oeste (PPGA/UNICENTRO)

Juliane Sachser Angnes (UNICENTRO) - julianeangnes@gmail.com

Professora Doutora na Universidade Estadual do Centro-Oeste (UNICENTROA)

Elisa Yoshie Ichikawa (UEM) - elisa_ichikawa@hotmail.com

Professora Doutora na Universidade Estadual de Maringá

Contextualização

As organizações surgiram pelas relações sociais, esse processo de interação protagonizou a formação dos grupos que buscavam interesses em comum, criando um processo de estruturação e movimentação em prol de ideologias. Com essas mudanças, os conflitos entre povos foram inevitáveis pelos movimentos sociais, porque os ideais precediam de maneira diferente, neste momento inicia a formalização das organizações que direciona normas e regras dentro das relações sociais. Vergara e Caldas (2007) explicam que o indivíduo é movido por ações intencionais de forma individual ou nas suas interações com outros indivíduos, por esse interacionismo o mundo é interpretado e dá sentido a realidade social.

As organizações neste processo de interação social necessitam de líderes, indivíduos que influenciam os grupos para a condução dos seus objetivos. A liderança que anteriormente era marcada pela força ou dominação em lutas corporais através do poder em ações coercitivas para manter a ordem criou as regras. Buscando padronizar as organizações, as estratégias e as decisões que os líderes passaram a tomar estão pautadas em leis, regulamentações e regras de conduta com maior rigidez e controle. Com este modelo de liderança a sociedade foi obrigada a aceitar os novos padrões seguidos no regime capitalista, e segundo Rampazo (2015) a liderança passou a ser vista como uma forma de gerenciar indivíduos, um modelo de supremacia, estruturada pela dominação de uma ideia única, universal.

Partindo deste propósito, os povos indígenas possuem uma estrutura de liderança que contraria a formalização de uma liderança tradicional, que são geridas com padrões e regulamentações. Esta estruturação remete a uma forma adversa em relação a hierarquia dos gerencialistas, porque o seu modo de liderar está na representação social das comunidades, sendo composta por pajés e caciques.

Porém, quando se constituem as ideologias adversas ao que é praticado na forma tradicional acarreta em conflagração. Para Barcellos, Dellagnelo e Salles (2017) quando se estabelece uma forma absoluta de condução de uma organização ocorrem as resistências. Essas resistências persistem nas organizações indígenas guarani do oeste do Paraná, porque o intuito das lideranças dessa região é manter sua cultura, prevalecer seus direitos e o olhar está voltado para o modo coletivo, que difere da função perpetuada pelo capitalismo, e neste ensejo não são considerados como organização pela classe que detém do poder na sociedade. Carrieri, Perdigão e Aguiar (2014)

comentam que este tipo de organização se contrapõe aos parâmetros da liderança tradicional, mas que deve ser considerado porque exerce o papel de gestão tal qual é na capitalista, a diferença está nas suas práticas.

As práticas das lideranças indígenas guarani do oeste do Paraná são consideradas empecilhos para a população urbana capitalista devido a sua cultura ser diferenciada. Dentro desse processo de não aceitação da sociedade, gera o descontentamento dos povos indígenas guarani pela falta de atenção das autoridades em relação aos seus direitos tanto na demarcação de seus territórios como da prática de suas crenças, tradições e valores. E, conseqüentemente pela sua forma de vida que desagradada a população urbana. Clastres (2004) comenta que os índios percorrem um longo período de lutas para predominar seu modo de vida e manter seus direitos legitimados a terra, porém são acometidos pelo etnocídio que acaba destruindo sua ideologia juntamente com sua cultura.

Como o modo de vida dos indígenas é pela coletividade, na questão solidária e pelo cultivo de subsistência, os proprietários de extensões de terras extrapolam seus limites e avançam com suas enormes plantações prejudicando os locais que os indígenas estão localizados. O uso de defensivos agrícolas e máquinas no cultivo das lavouras acarretam os problemas de saúde para as comunidades e prejuízos ao meio ambiente, adentrando ao território legitimado aos povos indígenas. Por isso da defesa que as lideranças indígenas se submetem em seus territórios, da resistência e dos conflitos, geralmente voltada para a proteção e a permanência de suas raízes e de seu processo histórico.

Objetivos

Este artigo tem por objetivo entender as estratégias que as lideranças indígenas guarani do oeste do Paraná utilizam para manter sua forma de organização e prevalecer os seus direitos. E os objetivos específicos desse estudo são os seguintes: a) identificar o processo organizacional que os indígenas estão inseridos; b) conhecer a estrutura de liderança dos indígenas guarani; c) descreve as ações praticadas pelas lideranças indígenas no processo de organização.

Metodologia

Este estudo configura-se como sendo de caráter descritivo porque se propõe em conhecer, identificar e descrever o processo organizativo das lideranças indígenas guarani do oeste do Paraná, bem como o entendimento das estratégias e práticas que estão incumbidos pela resistência em fazer valer a legitimidade e a cultura dos povos indígenas.

Com isso, esse estudo é considerado de abordagem qualitativa que para Godoi (1995) orienta-se pelo interacionismo, fenomenologia e fundamenta-se na investigação como instrumento a entrevista sendo a técnica mais utilizada. Creswell (2010) comenta que a pesquisa qualitativa está relacionada a métodos de investigação diferentes como a interpretação de dados que procura a inserção por parte do indivíduo da realidade que está pesquisando pelo seu entendimento dos fatos.

Já a coleta de dados iniciou pela observação direta e o diário de campo obtido em julho de 2017 diretamente nas visitas aos locais onde as lideranças indígenas estavam localizadas com encontros nos Tekohás (comunidades indígenas) e no município de Guaíra no Paraná onde foram reunidos os líderes representantes das aldeias aos arredores da região. Estão ainda em andamento as entrevistas semiestruturadas que serão realizadas no período de julho de 2018, a escolha das lideranças será pela representação na condução das comunidades, porém são aproximadamente 14 representações. As transcrições das entrevistas serão necessárias para a obtenção das informações sobre as estratégias no que concernem os procedimentos da organização que estão inseridos como forma de reconhecimento perante a sociedade. De acordo com Stewart e Cash Jr (2015) as entrevistas são consideradas como um processo interacional, porque desempenham o papel de partilha pela comunicação entre os sujeitos no que tange a troca de informações, além de ser um processo contínuo em termos de transmissão de significados.

As categorias da entrevista serão: processo de organização, estrutura e ações estratégicas de reconhecimento. Com o intuito de manter a identidade dos pesquisados oculta e a liberdade de escolha do aceite ou não das entrevistas será utilizado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Em relação a análise apresentam-se dados parciais sobre a temática porque as informações não foram coletadas na sua junção total, porém será realizada a análise de conteúdo com as transcrições das entrevistas durante o processo de investigação.

Resultados e Discussões

A região oeste do Paraná vem protagonizando cenas lamentáveis de confrontos que envolvem culturas diferentes, de um lado o regime capitalista com o poder de uma minoria regida por regulamentações a seu favor (geralmente fazendeiros ou grandes empresários) e de outro lado um povo (indígenas) que se contrapõe a essa cultura moderna. Os conflitos são intensos marcados por violências, com um processo histórico de resistências em reaver os direitos. O choque de culturas é visível porque os indígenas resistem ao que é imposto pelo regime capitalista. Os líderes lutam incansavelmente e desacreditam das soluções para seus anseios.

Pelas observações e com o diário de campo foi possível entender em partes o funcionamento do processo de organização constituída nas comunidades indígenas guarani do oeste do Paraná. Além disso, os relatos dos indígenas contribuíram para perceber as suas ideologias e interesses com relação as vontades dos seus integrantes. Essas vontades são coletivas, unicamente em prol da sobrevivência da cultura e da população que vive nestes locais. A busca é pelo pertencimento, com o reconhecimento da sua gestão que é uma organização social que não objetiva o lucro e sim o bem-estar de todos que são considerados como uma grande família.

Os povos dessa região esperam já a um longo período pela paz em seus locais de convívio, porém considerando a permanência de suas culturas, o reconhecimento de suas práticas de organização e a legitimidade que garanta o bem-estar de suas comunidades. Mas, os proprietários de grandes extensões de terras adentram o território dos índios com o intuito de aumentar sua produtividade em cultivos da terra, alegando que os indígenas não se interessam na produção agrícola, ou seja, o processo organizativo dos indígenas são ignorados devido a cultura da terra ser vista como de subsistência. Os cultivos desenvolvidos por esses povos vão desde a mandioca, o milho, alguns tubérculos entre outros, que são distribuídos de forma solidária a todos os seus integrantes pertencentes a comunidade. Ainda ocorrem algumas trocas de produtos nas comunidades vizinhas considerados como escambo, neste sentido quando um Tekohá produz um determinado produto vai até o vizinho e negocia a troca, geralmente entre os representantes líderes.

Em relação a estrutura da organização nas comunidades indígenas funcionam da seguinte forma: o cacique é o líder que conduz a comunidade pela sua habilidade e influência em comunicação e conhecimentos de organização, já o pajé é o líder espiritual que traz consigo as rezas, crenças, valores e aconselhamentos como forma de

harmonizar o seu povo. Nesta estrutura de liderança também são compostos os professores indígenas que ensinam os pequenos (crianças) a cultura e a linguagem nativa de seu povo.

Quanto as estratégias para a proteção e defesa de seus territórios, estão as barreiras, as manifestações e a utilização de ferramentas para o confronto caso ocorra a invasão nas suas terras. Pelo que foi mencionado nas reuniões com as representações, essas organizações estão tentando uma forma de dialogar com as autoridades locais e com representações políticas, mas sem êxito, ou pior são ameaçados constantemente pelas suas resistências e contraposição. Ou seja, cada vez que se deslocam com o intuito de buscar soluções para as suas dificuldades, mais confrontos são acometidos, criando um processo de desânimo e falta de esperança para manter seu povo em harmonia.

Um jovem indígena relatou que o sofrimento do seu povo está na desigualdade social, na exclusão social, no esquecimento. O que desejam é somente um olhar como cidadão para trazer mais tranquilidade as famílias. As ações são pela defesa e não pelo objetivo da aquisição do poder, estão abandonados sem lei que os protejam.

A maioria das lideranças indígenas busca oportunidades para que seus jovens tenham esperança em continuar estudando para auxiliar as comunidades no sentido de trazer conhecimento do processo histórico, da linguagem e da cultura que praticam por longos anos. Manter as suas raízes, ideologias é o objetivo de todos.

Espera-se que concluindo as entrevistas seja possível entender ainda melhor o processo organizativo, bem como as estratégias que as lideranças indígenas guarani da região oeste do Paraná estão pautadas, detalhando as informações com maior precisão.

Conclusões

Mesmo estando na etapa vigente ao estudo sobre as organizações das lideranças indígenas é possível identificar algumas práticas que os povos indígenas utilizam em seu cotidiano. Com a observação em visitas aos Tekohás (comunidades) que se encontram alguns líderes, a vivência e a cultura ainda permanecem em meio as modernidades da sociedade capitalista. Alguns relatos nos diários de campo foram a indicação das preocupações com relação a essas modernidades apresentadas para as gerações indígenas atualmente, os líderes idosos (os pajés) acreditam que são obstáculos para a nova geração dos indígenas guarani do oeste do Paraná, uma região marcada por conflitos devido a não solução em reaver os direitos ao território.

Outro aspecto informado nas reuniões realizadas com as lideranças indígenas é em relação a forma como são vistos na sociedade, alegam que não obtém atenção das autoridades (representantes políticos) sobre a violência que seus integrantes são acometidos quando resistem as injustiças prevalentes protagonizado pelo poder de uma minoria.

A partir do término desse estudo espera-se que os resultados que serão obtidos de informações em relatos detalhem melhor como se constitui a realidade dos fatos vividos pelos povos indígenas da região pesquisada. Além disso, o estudo também pode contribuir para a visão da sociedade perante essa organização que mesmo diferenciada merece maior atenção, afinal também são cidadãos. Portanto, o objetivo está parcialmente alcançado, porque proporcionou de forma geral o conhecimento da realidade desta organização social que ainda é martirizada pela forma de vida fora dos tramites tradicionais da sociedade moderna.

Referências

BARCELLOS, R.M.R; DELLAGNELO, E.H.L.; SALLES, H.K. Reposicionando conceitos: a organização fora dos eixos. *Revista de Administração de Empresas – RAE*. São Paulo, v.57, n. 1, p.10-21, jan./fev. 2017.

CARRIERI, A.P.; PERDIGÃO, D.A.; AGUIAR, A.R.C. A gestão ordinária dos pequenos negócios: outro olhar sobre a gestão em estudos organizacionais. *R.Adm.*, São Paulo, v.49, n.4, p.698-713, out./nov./dez. 2014

CLASTRES, P. **Arqueologia da Violência: pesquisas de antropologia política**. Tradução: Paulo Neves. São Paulo. Edição Brasileira, 2004.

CRESWELL, J.W. **Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto**. Tradução: Magda Lopes; consultoria, supervisão e revisão técnica: Dirceu da Silva – 3. ed. – Porto Alegre: Artmed, 2010.

GODOI, A.S. Introdução a pesquisa qualitativa e suas possibilidades. **Revista de Administração de Empresas**. São Paulo, v. 35, n. 2, p. 57-63. Mar./Abr. 1995.

RAMPAZO, A. V. O management e o projeto de controle do mundo. **Revista de estudos organizacionais e sociedade**. FACE/ UFMG. Belo Horizonte, n. 4, Agosto/2015.

STEWART, C.J.; CASH JR, W.B. **Técnicas de entrevista: estruturação e dinâmica para entrevistados e entrevistadores**. Tradução: Carolina Zanon, Cássia Zanon. 14 ed. – Porto Alegre: AMGH, 2015.

VERGARA, S.C.; CALDAS, M.P. Paradigma interpretacionista: a busca da superação do objetivismo funcionalista nos anos 1980 e 1990. In: CALDAS, Miguel P.; BERTERO, Carlos O. (Coord.) **Teorias das Organizações**. São Paulo: Atlas, 2007. (Parte 4 – Cap.8).